

João Cordeiro

COISAS que
[me] ACONTECERAM


ALMEDINA

— |

—

|

—

— |

—

|

João Cordeiro

coisas que (me) aconteceram

um relato de memórias posto em livro por Rui Paulo da Cruz



Título	COISAS QUE [ME] ACONTECERAM
Autores	João Cordeiro Rui Paulo da Cruz © Rui Paulo da Cruz, 2022
Editor	EDIÇÕES ALMEDINA, S.A. Rua Fernandes Tomás, 76-80 3000-167 Coimbra telefone 239 851 904 · fax 239 851 901 www.almedina.net · editora@almedina.net
Revisão	Catarina Valentim
Design de capa	CASA DO SABER
Fotografia da capa	Clara Azevedo
Paginação	OFICINA DE COMUNICAÇÃO
Impressão e acabamento	ARTIPOL · www.artipol.net
Primeira edição	Maio, 2022
Depósito legal	499201/22

Os dados e as opiniões inseridos na presente publicação são da exclusiva responsabilidade dos seus autores. Toda a reprodução desta obra, por fotocópia ou outro qualquer processo, sem prévia autorização escrita do Editor, é ilícita e passível de procedimento judicial contra o infractor.



Biblioteca Nacional de Portugal – Catalogação na Publicação
CORDEIRO, João
COISAS QUE [ME] ACONTECERAM
ISBN 978-989-40-0529-2
CDU 929

sumário.

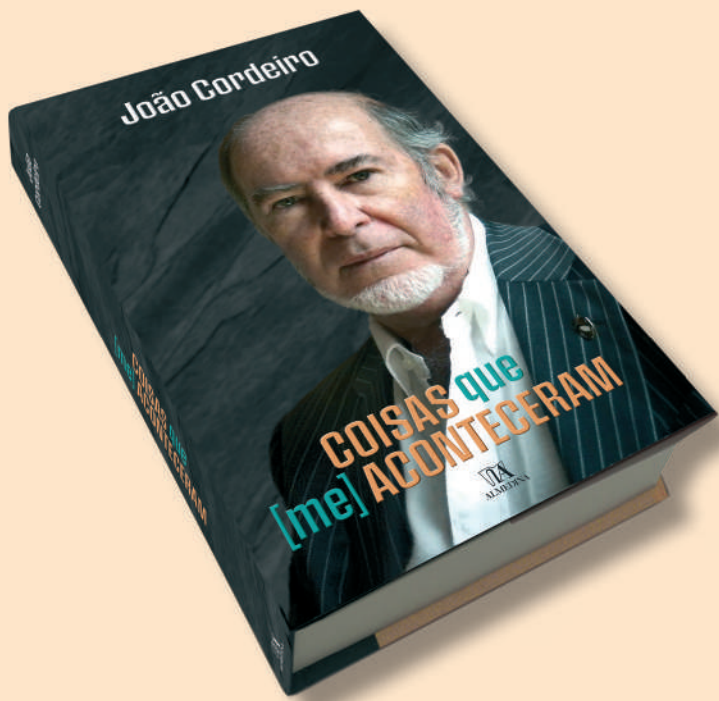
Prefácio <i>Abel Mesquita</i>	9
Nota prévia. Sobre a mecânica de construção do livro que vão ler. <i>Rui Paulo da Cruz</i>	13
Nota de abertura. Razão de ser. <i>João Cordeiro</i>	19

PARTE PRIMEIRA

1. Antes de ser, já o era. Origens. Cascais. Entre o real e o divino. Exemplos de amor e autoridade. As primeiras viagens.	23
2. O Colégio Militar. Um lema: Servir. Jogos de guerra fria. Cheias assassinas.	41
3. O ensino de Farmácia no Porto. Primaveras políticas.	63
4. O Porto. Vida académica e associativa. Um curso, uma crise. Um amor para a vida.	79
5. Casamento em tempo de incertezas. Uma farmácia, um laboratório e uma viagem de reconhecimento.	101
6. Colonização e descolonização. Uma geração marcada pela guerra. Europeus e africanos.	115
7. O regresso ao regime militar. De Lisboa para Luanda.	133

PARTE SEGUNDA

8. O regresso a Cascais e à vida civil. Notícias de Lisboa em Paris. Viva a liberdade!	165
9. Transições na Farmácia. Criação da Ordem e um grémio à deriva. O Grupo de Cascais.	197
10. Nasce uma associação em Coimbra. Democratizar. Modernizar. Defender as farmácias.	219
11. A Associação Nacional das Farmácias afirma a maioria. Um centro de estudos e um laboratório certificado.	257
12. Sedes condignas. Um montepio para os farmacêuticos. Formação pós-graduada. História de um museu.	271
13. Uma nova era para as farmácias portuguesas. Harmonias e desarmonias laborais no rescaldo do PREC.	293
14. Farmácias e Indústria Farmacêutica. Interesses conflituantes e ligações perigosas.	311
15. A propriedade das farmácias. O deputado agressivo, o ministro hostil e um acordo incumprido.	333
16. Candidatura em Cascais. A classe política com falta de classe. Autarquias e regionalização.	361
17. Um olhar sobre o país. Superar o monstro que nos consome.	389
Postscriptum	401
Agradecimentos	411
Iconografia	412
Abreviaturas e siglas	413



prefácio. um visionário. um homem bom.

COISAS QUE ME ACONTECERAM, para além de ser um retrato autobiográfico, é também um olhar sereno de João Cordeiro sobre as circunstâncias do seu tempo. Um retrato tranquilo de alguém que está de bem com a vida e com a sua consciência. Um homem que decidiu escancarar as portas da sua intimidade expondo-a à natural curiosidade de gerações de farmacêuticos – que ele influenciou indelevelmente ao longo de quatro décadas –, dos seus amigos e dos seus detractores. Até aqui, muitos falaram sobre ele sem o conhecerem, agora é ele que fala de si próprio, pela primeira vez. João Cordeiro fez bem em publicar este retrato de si próprio e da sua vida.

O livro caracteriza com fidelidade o seu autor.

Numa linguagem simples, sem subterfúgios, transparente, como é seu timbre, percorre as fases fundamentais da sua vida, que nos permitem conhecer melhor esta figura pública, adorada por uns, odiada por outros, que alimentou polémicas e debates no domínio da Saúde ao longo de quatro décadas.

Quem é o João Cordeiro que este livro nos dá a conhecer?

Em primeiro lugar, um homem de família, reflectido no amor aos pais e à sua mulher Manuela, a quem se refere em muitas passagens do texto; um pai inteligente e empreendedor, qualidades que dele terá herdado; uma mulher que sempre o amou, admirou, respeitou e apoiou nas suas opções, mesmo quando isso implicava sacrifício pessoal. Foi e continua a ser grande a influência da Manuela Cordeiro no percurso de vida do seu marido. Um homem disciplinado, que se orgulha dessa disciplina, adquirida no seio da família e no Colégio Militar, instituição da qual fala com muita admiração, talvez até saudade, que o ajudou a formar a sua personalidade.

Um homem de amizades. João Cordeiro tem muitos e bons amigos, dos tempos da infância, do Colégio Militar, da Universidade, de África e, finalmente, dos tempos em que presidiu aos destinos do sector de Farmácia. Fala de todos com respeito e saudade e não é parco nos permanentes elogios à inteligência e à personalidade desses amigos. Os amigos de João Cordeiro são para a vida, porque ele fez sempre muito pela perenidade dessas amizades. Veja-se o carinho com que se refere aos encontros regulares dos seus companheiros dos tempos do Colégio Militar.

João Cordeiro é também um empresário de sucesso.

Na vida privada, foi pioneiro de uma nova visão das suas farmácias e empresas familiares, que modernizou, uma após outra, no tempo certo, e que integrou numa certa visão de rede do sector da saúde. Na vida associativa, à frente dos destinos da Associação Nacional das Farmácias, foi um visionário, como há poucos. Tivemos o privilégio de acompanhar de perto esse percurso. As ideias inovadoras eram quase sempre suas. Intuitivo, imaginativo e com grande capacidade de previsão, transformou radicalmente o sector das farmácias, de sector pobre e mal organizado, em sector próspero, moderno, organizado e forte.

As ideias e os projectos brotavam sucessivamente da sua imaginação. Uns bem sucedidos outros mal sucedidos, mas nem uns nem outros fizeram alguma vez abrandar a sua capacidade de trabalho e de imaginação, bem pelo contrário. Entre todos, escolho a proeza de ter conseguido impor o cumprimento dos prazos de pagamento previstos nos acordos celebrados entre o Estado e as farmácias. Só ele, com a sua determinação e visão dos problemas, era capaz de atingir objectivo tão ambicioso. Talvez tenha começado aqui a caminhada do sector para quatro décadas de estabilidade e prosperidade.

João Cordeiro é também o fundador do mercado de medicamentos genéricos em Portugal. Para ganhar essa batalha, fundou um Laboratório de Estudos Farmacêuticos e decidiu construir uma fábrica de medicamentos genéricos. Lutou contra tudo e contra todos e ganhou essa batalha. Apoiado na evidência científica produzida pelo Laboratório de Estudos Farmacêuticos e na estratégia de produção de medicamentos genéricos,

a porta foi-se fechando a quem defendia a falta de qualidade destes medicamentos. A fábrica nunca chegou a ser construída e tenho dúvidas que João Cordeiro alguma vez tivesse acreditado que iria ser produtor de tais medicamentos. Mas, a ideia da fábrica foi uma peça determinante da sua estratégia na longa e difícil caminhada a favor da criação de um mercado de genéricos em Portugal.

África, foi, e ainda é, outro dos fascínios de João Cordeiro. Fala dos tempos de Luanda como se fosse um angolano. E aí voltou a fazer amigos que ficaram mais uma vez para toda a vida. No domínio da política, fala com indisfarçável distanciamento do período anterior e posterior ao golpe militar de 1974.

Os políticos tiveram dele o que mereciam, cáustico nas suas críticas, negociador implacável, frontal e sem medo das consequências. Reafirma no livro a ideia de que os Governos não gostam de uma iniciativa privada forte e organizada, que tantas vezes lhe ouvimos repetir ao longo da vida. Um juízo certo que o acompanhou sempre no seu relacionamento com o poder político.

João Cordeiro é admirado, idolatrado até, por aqueles que com ele trabalharam. Mas, tem uma imagem pública de «homem mau». Julgo que ele quis alimentar intencionalmente essa imagem, porque, como diz o povo, «o medo guarda a vinha». Mas, João Cordeiro é exactamente o contrário. Um «homem bom», simples, amigo do seu amigo, solidário e sempre disponível para ajudar aqueles que ao longo da vida o procuraram com esse objectivo. Fomos testemunha de muitos desses casos. João Cordeiro é incapaz de dizer que não a quem o procura, ainda que isso tenha custos para si próprio, que nunca lhe vi valorizar nem apregoar.

João Cordeiro fez de mim um amigo para a vida.

Estou muito grato por isso e desejo-lhe no seu 75º aniversário muita saúde, longa vida e memória para continuarmos a recordar as cumplicidades do passado.

ABEL MESQUITA
CASCAIS, MAIO DE 2022



nota prévia.
**sobre a mecânica de construção
do livro que vão ler.**

O livro que o leitor tem agora nas mãos não é um relato jornalístico, nem um ensaio de história contemporânea. É apenas, e só, a recolha de memórias de um homem público que dá pelo nome de João Cordeiro. Porque, sendo jornalista, participei na transposição dessas memórias para este formato de livro, devo ao leitor uma explicação prévia sobre a mecânica a que obedeceu à sua construção.

Faz-se o ofício de jornalista de olhar em redor, à espera de encontrar portas entreabertas, por onde entrar para os lugares onde acontecem coisas. Uma vez por acaso, outras por esforço, assim nascem as notícias breves, as grandes reportagens, as narrativas de factos, o retrato dos protagonistas. Mandam as regras desse ofício que se coloque a objectividade acima de todas as subjectividades presentes no processo, para que factos e protagonistas sejam servidos à mesa dos leitores o mais perto possível da sua pureza original. Neste caso, a demanda de objectividade passa por transpor a subjectividade de alguém, sob a forma de um relato autobiográfico feito na primeira pessoa do singular.

O João Cordeiro, só o conhecia das polémicas dos jornais. Do mundo da profissão farmacêutica, eu só sabia o que se aprende a comprar remédios ao balcão da farmácia. Um dia, há um

par de anos, quase por acaso, em conversa sobre um trabalho em que colaborei e que acabara de publicar-se, surgiu a ideia deste livro. Falava-se de «seres superiores» e o Sérgio Luciano, braço-direito do João Cordeiro na gestão das suas empresas, citou o exemplo do ex-presidente da Associação Nacional das Farmácias (ANF). Retrato-o em termos que surpreenderam quem estava na sala. Percebi a genuína admiração que lhe merecia o homem público e a amizade que por ele nutria. Uma das pessoas presentes, a Ana Isabel Ferreira, comentou: «– Mas então, aí está matéria para uma bela biografia...» Observação «fatal» que desencadeou o processo. «– Grande ideia...», rematou o Sérgio, que logo se dispôs a preparar o terreno.

Ouvi mais alguns elogios ao proposto biografado. Sendo que qualquer vida merece a melhor atenção e desvelo dos próximos, porventura não interessa a todos os outros. Não fiquei inteiramente convencido de que a ideia viesse a concretizar-se.

Passaram alguns meses e, quando o assunto parecia já caído no esquecimento, o Sérgio voltou à carga. Apresentou-me o João Cordeiro e começámos a falar. Aquela porta entreaberta – que não procurei, não esperava, e encontrei por acaso – dava para um lugar que me era totalmente desconhecido.

Não foi a primeira vez que o contacto com um protagonista me revelou um ser humano bem diferente da sua imagem pública. Mas nunca no grau com que tal me aconteceu quando conheci mais de perto o João Cordeiro, conversei com os seus amigos e colaboradores, e mergulhei nos factos da sua vida, quer pública, quer privada. Verifiquei que a imagem deste homem, que a mim se revelava agora a muitos títulos um cidadão exemplar, fora publicada em negativo, ao longo de décadas. Senti mesmo algum embaraço, porque para formar na opinião pública essa imagem distorcida se contou com a cumplicidade de oficiais do meu ofício. O leitor encontrará, em várias passagens deste livro, pistas para a compreensão de quem poderá estar por trás de tal fenómeno de desinformação concertada.

Foi neste quadro que vislumbrei para a obra uma primeira utilidade e um propósito claro: compor, com justiça, o retrato público do João Cordeiro. Enquadrando nas épocas para que

remetem as memórias compiladas, poderia dar ao leitor a oportunidade de alinhar uma opinião informada sobre a pessoa e as suas circunstâncias.

Entre opiniões e factos, deixo dois registos.

Primeiro. Sobre oficiais e ofício. Dizer que lamento que os jornalistas não tenham encontrado, depois do 25 de Abril, o seu «João Cordeiro». Alguém que, como ele, liderasse a dignificação da profissão, protegendo a autonomia e a integridade dos profissionais. O que ele foi capaz de inovar e modernizar no quadro da ANF, sempre numa lógica de sustentabilidade, não tem paralelo nem na minha, nem em nenhuma outra profissão, em Portugal, tanto quanto eu saiba. O seu empenho na valorização dos farmacêuticos, quer no plano ético, quer no plano técnico, ao mesmo tempo que defendia o seu ganha-pão, é um exemplo para todos. Há aqui, ainda, uma dimensão de cidadania: fazer bem ou fazer mal na sua profissão, tal como a minha, acarreta consequências para o tecido social, não raro irreversíveis.

Segundo. Sobre a pessoa do João Cordeiro, o homem em si mesmo. Acompanho o Abel Mesquita no que escreve no prefácio deste livro, algo que fez questão de me repetir com insistência nas conversas que tivemos quando eu preparava esta edição, e que eu pude verificar vezes sem conta, ao recolher testemunhos das pessoas que com ele lidaram:

«– O João Cordeiro é um homem bom!»

Registados estes comentários, cumpre-me explicar a mecânica de construção da obra. Para chegar à narrativa que se segue, travámos, ao longo de meio ano, longas e espaçadas conversas. Em tempo de pandemia, fomos forçados a fazer esses exercícios à distância, ele no seu local de trabalho e eu no meu, com o filtro inconveniente, mas neste caso protector e útil, de microfones, câmaras e circuitos de internet.

Nos intervalos das conversas, falei com alguns dos seus companheiros de vida e li umas centenas de recortes de imprensa, coisas publicadas ao longo de cinco décadas. A consulta de umas dezenas de edições da Farmácia Portuguesa, a revista da ANF, ajudaram-me a situar no devido lugar pessoas, equipas, projectos

e factos. Nos arquivos da associação encontrei documentos que o João Cordeiro mencionava nos seus relatos. Parti em busca de registos fotográficos das pessoas e dos momentos que povoavam as memórias recolhidas, tratei da estruturação da narrativa em duas partes e dezassete capítulos, orientei a arrumação gráfica dos conteúdos.

O formato final é uma narrativa, na primeira pessoa.

Tento ser fiel à voz do João Cordeiro: no timbre, no tom e na essência. Não inventei, nem romanceei. Não acrescentei nada à vida, à obra, ao relato. Pelo contrário, tive de deixar muito de fora, para tornar o livro razoável, em dimensão e ritmo. Estou convicto de que reproduz, com a fiabilidade possível, a voz que ouvi. O que me propus acrescentar – porque alguma coisa foi – é fácil de identificar: fotografias, citações e referências várias, as quais visam compor o quadro geral dos momentos revisitados. Elementos que apresentei ao João Cordeiro e que ele validou ou corrigiu, sempre que necessário. Várias leituras e revisões do texto que fomos construindo permitem-me tranquilizar o leitor: estas são as memórias, as opiniões, os juízos e os retratos que o João Cordeiro faz da vida que viveu e das pessoas que consigo se cruzaram.

No arranque para esta nota prévia, referi as portas entreabertas por onde entrar para os lugares onde acontecem coisas. Ora, um livro de memórias é mais uma janela. Abre-se sobre a intimidade de alguém, mas não é uma porta, não se pode entrar. Podemos, pelo menos, vislumbrar parcialmente o que vai lá dentro.

Abri-la é sempre um risco...

Devemos um reconhecimento ao João Cordeiro pela coragem de publicar este livro de memórias, bem como um agradecimento pela partilha de tantas jornadas revisitadas da sua rica história de vida. Pela minha parte, agradeço, além disso, a confiança que depositou em mim, alguém de quem sabia tão pouco, para o acompanhar nesta outra jornada.

RUI PAULO DA CRUZ
VALE DE LOBOS, MAIO DE 2022

coisas que (me) aconteceram



nota de abertura. razão de ser.

Muito francamente, nunca tinha posto a hipótese de editar um livro sobre a minha pessoa. Tive sim o desejo – ainda não concretizado – de escrever sobre alguns dos temas mais importantes da minha acção associativa, para que as gerações futuras de farmacêuticos pudessem avaliar as dificuldades que tivemos de enfrentar. Mantenho esse desejo, e agora reforçado pela excelente interacção que mantive com o Rui Paulo da Cruz.

Há alguns responsáveis para a realização deste livro.

O primeiro, sem dúvida, é o Sérgio Luciano, que me foi preparando ao longo de meses para a sua concretização. A segunda responsável, a minha mulher Manuela, que achou a ideia gira. E, por último, o Rui Paulo da Cruz, que me foi apresentado pelo Sérgio e com o qual criei rapidamente uma empatia e confiança que quebraram a minha já reduzida resistência.

Tive o receio que esta iniciativa fosse considerada pelo meu círculo de amigos como uma petulância da minha parte, pois que muita da minha vida foi partilhada pela companhia de muitos amigos e colegas de várias gerações. Espero, pois, que ao lerem o livro, me revejam com toda a naturalidade no seu conteúdo.

Não sou um homem religioso, nunca fui. Moldei-me no «logos» do racionalismo científico, no «ethos» da disciplina militar, no «pathos» bem português da família tradicional. Não sou fatalista, ainda menos supersticioso, mas de certa forma reconheço que tinha um destino traçado quando nasci. Destino que cumpri, sem desvios, mas com muitas revisões em alta...

Sinto-me um privilegiado. Fundamentalmente por duas razões: acho que vivi na época certa, produto do pós-guerra, quando as oportunidades eram imensas; por outro lado, sempre fiz o que gostava de fazer e não me posso queixar da vida que tenho vivido.

Quase nasci numa farmácia. A minha mãe deu à luz em casa, como soía no Portugal daqueles anos 1940. A casa ainda não era por cima da farmácia do meu pai – como veio a ser – mas ficava a dois passos. Nasci deles e com eles cresci, livre e ditosamente condicionado a ser bem-educado, bem alimentado, rebelde quanto baste para ser bom filho. Nunca me impuseram um caminho, mas sempre me foram deixando bem claro que caminhos achavam mais seguros. Nem sempre os percorri, mas sempre ouvi, com devido respeito, os conselhos que me davam. Nunca duvidei de serem para o meu bem.

Que podem interessar detalhes – retalhos – da vida de um homem a outros seres humanos? Que pode acrescentar o seu conhecimento às suas próprias vidas? Talvez muito pouco, provavelmente mesmo nada. No entanto, como muitos outros que deixaram algum rasto, ainda que modesto, na vida pública, sinto-me no dever – e certo direito – de passar a papel impresso factos, ideias, notas soltas, a minha visão do que aconteceu, como aconteceu, porquê e com quem. Não é muito, eu sei, mas é bastante. E porque um livro é espaço cúmplice de liberdade para quem escreve e para quem lê, este é o momento do leitor decidir se me quer acompanhar nas próximas páginas.

JOÃO CORDEIRO
CASCAIS, MAIO DE 2022